

DENTRO do curto prazo de três anos incompletos — rigorosamente em 18 de Maio de 1968 — comemora-se, na dobadura do tempo, o 1.º centenário do nascimento do insigne poveiro, notável historiador e polígrafo, António Augusto da Rocha Peixoto.

Não vamos fazer a biografia por menorizada, nem citar o conjunto notável de trabalhos publicados, e de materiais imensos deixados pelo sau-

vai fazer a Póvoa, para assinalar con dignamente a notável efeméride da comemoração do 1.º centenário do nascimento de Rocha Peixoto!...

Poderá parecer para os espíritos mais acomodaticios e simplistas, uma ideia extemporânea, esta de dever pensar-se, desde já, numa manifestação cívica a três anos de vista.

Ainda há à nossa frente tanto tempo, dirão alguns, com manifesta estultícia!

É certo; haverá tempo em demasia, se quisermos comemorar a me-

AL
AR

ORGÃO D
Por Deus, p

Director e Editor: Luis K

A Póvoa e o Centenário

de Rocha Peixoto

mória de Rocha Peixoto, pelo modelo usado entre nós nos últimos tempos:—uma banal reunião pública, no salão nobre camarário, com dois pseudo-oradores de circunstância, uma prosaica romagem ao jazigo do historiador com a deposição clássica



doso publicista e director da Biblioteca Pública do Porto, levado por Deus, na flor da idade, em começos de Maio de 1909, quando o seu labor intelectual iria atingir a plenitude.

Todos os portugueses cultos, sabem por certo do valor precioso do «curriculum vite» e da capacidade mental dessa figura ímpar de intelectual íntegro e consciencioso, que foi alguém na sua geração, e se chamou em vida António da Rocha Peixoto.

Toda a Póvoa culta sabe igualmente da abnegação e do altruísmo deste historiador, ao legar ao património público municipal da sua terra natal o valor maior e mais significativo que possuía — o da sua pre-

da palma de flores, e o remate epicurista de um almoço no único Hotel do burgo, para umas dezenas de convidados, a cargo do erário municipal.

Se é assim que se pretende fazer, são suficientes dez dias de antece-

a no
pr

*Mais uma vez vi
aspecto de abandono
praia está votada.
vermos certas anom
velhas e gastas na
apesar de insistentes
prensa poveira e os
uma maneira geral
rido a elas oportuna
nuam, não obstante
aqueles que, acrisolad
tam por uma Póvoa*

*É confrangedor
permanece no nosso
que de fora o apre
montar, por parte d
toldos, nos dias de
quando a não há, su
e mantas enegrecidas
a servirem de abrigo.*

*O aspecto que ta
confere à nossa pra
pria de feira ou de
de ciganos, não se no
cente de uma praia d*

*Lembramo-nos qu
passadas, não muito
prática era admitida
cação de um antepan
tecido de toldo, ou o r
do de resguardo do v*

*Também o aspecto
merece uma referênc
de limpeza que, o m*

poveiro, notável historiador e polígrafo, António Augusto da Rocha Peixoto.

Não vamos fazer a biografia por-menorizada, nem citar o conjunto notável de trabalhos publicados, e de materiais imensos deixados pelo sau-

pensar-se, desde já, numa manifestação cívica a três anos de vista.

Ainda há à nossa frente tanto tempo, dirão alguns, com manifesta estultícia!

É certo; haverá tempo em demasia, se quisermos comemorar a me-

A Póvoa e o Centenário de Rocha Peixoto

do publicista e director da Biblioteca Pública do Porto, levado por Deus, na flor da idade, em começos de Maio de 1909, quando o seu labor intelectual iria atingir a plenitude.

Todos os portugueses cultos, sabem por certo do valor precioso do «curriculum vite» e da capacidade mental dessa figura ímpar de intelectual íntegro e consciencioso, que foi alguém na sua geração, e se chamou em vida António da Rocha Peixoto.

Toda a Póvoa culta sabe igualmente da abnegação e do altruísmo deste historiador, ao legar ao património público municipal da sua terra natal o valor maior e mais significativo que possuía — o da sua preciosa e notabilíssima Biblioteca, onde se incluíam autênticas preciosidades bibliográficas, e que constituiria fonte de divulgação e de cultura para as gerações actuais e futuras.

As presentes considerações visam sómente fazer uma interrogação à consciência das elites poveiras e de todos os demais que têm a responsabilidade do governo local: — que

mória de Rocha Peixoto, pelo modelo usado entre nós nos últimos tempos:—uma banal reunião pública, no salão nobre camarário, com dois pseudo-oradores de circunstância, uma prosaica romagem ao jazigo do historiador com a deposição clássica



da palma de flores, e o remate epicurista de um almoço no único Hotel do burgo, para umas dezenas de convidados, a cargo do erário municipal.

Se é assim que se pretende fazer, são suficientes dez dias de antecedência, para imprimir os convites, e cerre-se o pano, sobre o próximo centenário do grande polígrafo poveiro.

Agora se não é assim — e Deus queira o não seja — se faz mister a Póvoa assinalar com algo que perdure no espaço e no tempo e dignifique de modo eterno o alto espírito de

(continua na página 3)

AH

ORGÃO D
Por Deus, p

Director e Editor: Luis A

a no pr

*Mais uma vez vi
aspecto de abandono
praia está votada.
vermos certas anom
velhas e gastas na
apesar de insistentes
prensa poveira e os
uma maneira geral
rido a elas oportuna
nuam, não obstante
aqueles que, acrisolad
tam por uma Póvoa*

*É confrangedor
permanece no nosso
que de fora o apre
montar, por parte d
toldos, nos dias de
quando a não há, su
e mantas enegrecidas
a servirem de abrigo.*

*O aspecto que ta
confere à nossa pra
pria de feira ou de
de ciganos, não se no
cente de uma praia d*

*Lembramo-nos qu
passadas, não muito
prática era admitida
cação de um antepar
tecido de toldo, ou o r
do de resguardo do v*

*Também o aspect
merece uma referênc
de limpeza que o m
rece neste momento.*

*um grupo de mulher
te escalonado, no c
limpeza de modo a n
e cuidado, merecend
referências por parte
tes e locais.*

*Se é válido o pr
os benefícios da pr
extensivos a todos
tam, e pelo modo c
gozá-los, não signi*

Internato

Semi-Internato

Externato

Matrículas até 15 de Setembro

COLÉGIO D
de VILA DO

PARA RAIA

DIRECC

P.e Reinaldo Casal Pelayo e Dr.

A Póvoa e o Centenário de *Rocha Peixoto*

(continuação da 1.ª página)

Rocha Peixoto, então gente responsável da Póvoa, não é cêdo, urge começar e desde já a trabalhar.

A Póvoa tem uma dívida em aberto para com Rocha Peixoto, cujo centenário se aproxima. Porque não dar vida àquelas ruínas da *Escola Maternal*, inaugurando em Maio de 1968, ali ao cimo da Avenida, em sitio privilegiado, a Biblioteca Municipal Rocha Peixoto e o Museu de Etnografia e História?

Utopia, dirão alguns velhos do Restêlo, desta terra! Não, realidade palpável, absoluta, desde que o queiram aqueles que têm a responsabilidade do governo desta terra e se disponham a transitar da fase de imobilismo sonolento, para a de dinamismo operante.

Dizia-nos há tempos um jovem arquitecto local: aquelas paredes em ruína (da Escola Maternal) de construção magnífica, a tudo tem resistido, e no estudo de uma possível adaptação a Biblioteca e Museu, nada se perderia da sua magnífica fábrica de cantaria lavrada.

Já temos dito e repetido nas

se deseja fazer, pois assim a negativa será total.

A Póvoa tem valores sociais em Lisboa, que ajudarão a pôr o problema perante a instituição de S. Gertrudes, mas um problema ponderado, pormenorizado e devidamente estudado, para obter êxito.

Dirão por certo, que as formalidades legais necessárias à escritura de doação a lavrar, por parte do antigo Orfeão Poveiro, para tornar as ruínas da Escola Maternal em património municipal, ainda não tiveram concretização legal. Mesmo que assim seja, e enquanto estas diligências se vão rouceiramente praticando, porque não pensar desde já no plano do que há-de vir a ser realizado?

Vejamos o exemplo da Figueira da Foz e de Ilhavo, com dois magníficos edifícios de Bibliotecas-Museus, em fase activa de construção ou iniciação.

Não seria, por acaso, uma condecoração poder assinalar o 1.º centenário do nascimento do egrégio poveiro Rocha Peixoto, com a inauguração de uma nova Biblioteca-Museu, em magestoso edifício, na nossa primeira Avenida, o qual seria igualmente sede e foco irradiante

Asse
Ge
Vic

Realizou-se no pa
na nossa vila, a As
das Conferências V
morativa da festa d
Paulo.

A celebração i
missa das 10 hora
S. José a que as
número de confrac
conferências de P
Vila do Conde e a
tros de diversas loc
encontram em go
nossa praia.

Em seguida nu
tronato, gentilmen
d direcção desta Insti
tência, teve lugar a
foi presidida pelo F
Gonçalves, ladeado
colau Gonçalves, vic
Concelho Central de
Sr. Pedro de Sousa I
do Conselho Particu
Varzim.

Feitas as oraçõe
piritual regulament
-se à leitura dos rela
ao ano de 1964, d
de S. João Baptist
Conde e do Imacul
Maria, da Póvoa de

A palestra estat
cargo do Ex.º Sr. M
Catarino, presidente
de Nossa Senhora c
Matriz desta vila, q
tagem e até necessi
lho conjunto das ec
culinas e feminin
accção vicientina co

A Póvoa e o Centenário de Rocha Peixoto

Asse
Ge
Vic

(continuação da 1.ª página)

Rocha Peixoto, então gente responsável da Póvoa, não é cêdo, urge começar e desde já a trabalhar.

A Póvoa tem uma dívida em aberto para com Rocha Peixoto, cujo centenário se aproxima. Porque não dar vida àquelas ruínas da *Escola Maternal*, inaugurando em Maio de 1968, ali ao cimo da Avenida, em sitio privilegiado, a Biblioteca Municipal Rocha Peixoto e o Museu de Etnografia e História?

Utopia, dirão alguns velhos do Restêlo, desta terra! Não, realidade palpável, absoluta, desde que o queiram aqueles que têm a responsabilidade do governo desta terra e se disponham a transitar da fase de imobilismo sonolento, para a de dinamismo operante.

Dizia-nos há tempos um jovem arquitecto local: aquelas paredes em ruína (da Escola Maternal) de construção magnífica, a tudo tem resistido, e no estudo de uma possível adaptação a Biblioteca e Museu, nada se perderia da sua magnífica fábrica de cantaria lavrada.

Já temos dito e repetido nas colunas deste jornal: porque se não entrega a um Arquitecto de verdade, o estudo do projecto de adaptação da Escola Maternal a Biblioteca e Museu? Porque se não solicita a colaboração da Fundação Gulbenkian, para orientação no plano museológico e artístico desse mesmo projecto?

Findo êsse estudo, e com elementos concretos na mão, porque se não leva o problema à análise da mesma Fundação, que (estamos certos) não regatearia um subsídio substancial, o mesmo o fazendo por certo o Ministério das Obras Públicas?

Mas não se comece pelo fim, ou seja por pedir subsídios monetários, sem previamente planificar-se o que

se deseja fazer, pois assim a negativa será total.

A Póvoa tem valores sociais em Lisboa, que ajudarão a pôr o problema perante a instituição de S. Gertrudes, mas um problema ponderado, pormenorizado e devidamente estudado, para obter êxito.

Dirão por certo, que as formalidades legais necessárias à escritura de doação a lavrar, por parte do antigo Orfeão Poveiro, para tornar as ruínas da Escola Maternal em património municipal, ainda não tiveram concretização legal. Mesmo que assim seja, e enquanto estas diligências se vão rouceiramente praticando, porque não pensar desde já no plano do que há-de vir a ser realizado?

Vejamos o exemplo da Figueira da Foz e de Ilhavo, com dois magníficos edificios de Bibliotecas-Museus, em fase activa de construção ou iniciação.

Não seria, por acaso, uma condigna comemoração poder assinalar o 1.º centenário do nascimento do egrégio poveiro Rocha Peixoto, com a inauguração de uma nova Biblioteca-Museu, em magestoso edificio, na nossa primeira Avenida, o qual seria igualmente sede e foco irradiador do pelouro da cultura desta terra de heróis do Mar, tão carecida de evidenciar e desenvolver os seus valores humanos?

Porque não, poveiros de boa-vontade?

L. Rainha

Amélia Castro

Médica Especialista de Doenças de Crianças

Consultório: Av. Campos Henriques, 82

VILA DO CONDE

Consultas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs-feiras

Telef. 66152 - Vilarinho

Visado pela Comissão de Censura

Realizou-se no pa
na nossa vila, a As
das Conferências V
morativa da festa d
Paulo.

A celebração i
missa das 10 hor
S. José a que as
número de confr
conferências de P
Vila do Conde e a
tros de diversas loc
encontram em go
nossa praia.

Em seguida nu
tronato, gentilm
d direcção desta Insti
tência, teve lugar a
foi presidida pelo F
Gonçalves, ladeado
colau Gonçalves, vic
Concelho Central de
Sr. Pedro de Sousa I
do Conselho Particu
Varzim.

Feitas as oraçõe
piritual regulament
-se à leitura dos rela
ao ano de 1964, d
de S. João Baptist
Conde e do Imacul
Maria, da Póvoa de

A palestra estat
cargo do Ex.º Sr. M
Catarino, presidente
de Nossa Senhora d
Matriz desta vila, q
tagem e até necessi
lho conjunto das co
culinas e feminin
acção vicentina co
obras apostólicas d
quais forem os seus
deve orientar-se nã
bre, mas para a far

Ao terminar o
louvou a forma co
assembleia, pediu q
continuassem neste
sembleias gerais de
Paulo, congratulou-
lho realizado e pedi
tinos estendessem
família dos emigrar

As orações final
das por todos os
gastam a sua vida
caridade cristã da
sem reservas aos
para que sejam n
assim obtenham c
Senhor a santifica
alheia.